

## CONSTRUÇÃO DE GÊNERO: ANÁLISE FÍLMICA DA PERSONAGEM BREE DO FILME TRANSAMÉRICA

EMMANUELLE SCHIAVON MELGAREJO<sup>1</sup>  
ANA PAULA PENKALA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – manuschiavon@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – penkala@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho se propõe a buscar referências para entender a construção da personagem Bree, do longa Transamérica (2005), a partir de seus figurinos. Serão utilizadas para a análise as vestimentas usadas na produção, no intuito de compreender como Bree se constrói, exterioriza e identifica como mulher dentro do universo elaborado pelo filme.

Na análise fílmica serão utilizados os autores STUART HALL, SIMONE DE BEAUVOIR e JUDITH BUTLER, entre outros, buscando contextualizar a construção semântica da Bree.

A proposta é, a partir dos figurinos, buscar evidências de como a elaboração estética da personagem contribui para que ela se imponha como mulher dentro da narrativa, e pela forma como se mostra ao mundo. O trabalho se propõe em observar como a caracterização da Bree faz com que ela consiga estar mais próxima do seu interior, de quem realmente é, e o que ela quer demonstrar a partir dos princípios sociais de construção de identidade e gênero.

### 2. METODOLOGIA

Para esse trabalho será feita uma análise fílmica focando no aspecto do figurino da personagem, traçando paralelos representativos com os textos abordados para compreender a concepção de Bree e como ela é externada por suas vestimentas.

A princípio a vestimenta que será analisada será a primeira que a personagem usa durante o filme: saia longa, blaser, blusa de gola alta, chapéu com aba larga, mei calça, sapatos de salto, bolsa e acessórios como brincos e colar, tudo isso em tons claros de rosa e lilás.

O trabalho busca entender como Bree permora, segundo Butler, na busca de exteriorizar o que a personagem entende como feminilidade dentro dos conceitos sociais nos quais se encontra dentro da narrativa.

### 3. A JORNADA

O longa Transamérica, dirigido por Duncan Tucker, e estrelado por Felicity Huffman, conta a história de uma mulher transsexual, Bree, que está em sua jornada para a sua transição definitiva a partir da cirurgia de mudança de sexo. Quando Bree, a personagem principal, finalmente consegue todas as autorizações necessárias para seguir seu percurso, ela descobre Toby, seu filho até então desconhecido. Assim segue-se, a produção de 1 hora e 43 minutos, a

história da protagonista e como ela enfrenta seu caminho para conseguir realizar o que tanto almeja e finalmente completar sua transição.

Em geral, designar o sujeito com esses termos implica considerar sua constituição biológica e sua construção cultural, ou seja, para muitos o que define alguém como fêmea é o sexo (sua constituição biológica) e o que define alguém como mulher é o gênero (sua constituição cultural). Essa é a primeira regra que define os sujeitos em sociedade e os condensa a estar eternamente resignados com sua condição, atribuições ou características, como num processo lógico, imutável ou como uma fórmula matemática hipotética e simplista (REIS, 2013, p. 2).

No trecho acima podemos perceber a dualidade de concepções que são impostas na atualidade, em que o corpo é imutável e o gênero não o influencia. Dentro desse contexto existente, em que apenas dois gêneros binários são aceitos, a ambiguidade das definições humanas acabam sendo excluídas dentro da complexidade do identificar-se. O gênero é uma estruturação de identidade advinda da construção cultural, que vem do processo de conhecer-se e entender-se dentro de um universo de possibilidade que muito antes não era admitido para o ser humano, pois só era aceito o que já era conhecido.

O filme nos apresenta muitas situações de profundo dualismo e autoconhecimento, focando na complexidade da aceitação de uma transexual na sociedade atual, partindo de seus próprios familiares, desconhecidos que passam por seu caminho, até ela mesma. Além disso, e principalmente, o filme trata de Bree como indivíduo, enxergando-se perante um contexto no qual nem todos a aceitam, e como ela decide se mostrar ao mundo.

“O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado.” (BUTLER apud SENKEVICS, 2012, online). Durante a jornada de Bree percebe-se a complexidade das nuances da qual a personagem passa durante seu percurso, e como o que ela escolhe usar em seu dia a dia passa a ser signo da maneira como ela se entende como mulher.

### 3.1 ROSA POR TODA A PARTE

O figurino que será analisado é a primeira vestimenta que a personagem aparece utilizando no filme. Logo no início do longa somos apresentados a particularidades de Bree, como ela se prepara, concede atenção aos pequenos detalhes de si mesma, como ela se veste. Como ela escolhe se mostrar para o mundo.

Se há muita provocação e afetação na atitude das lésbicas, é porque elas não têm nenhum meio de viver sua situação com naturalidade: a naturalidade implica em não refletir sobre si mesmo, agir sem se representar os atos; mas as condutas de outrem levam sem cessar a lésbica a tomar consciência de si. Somente sendo bastante idosa ou dotada de grande prestígio social é que ela pode seguir o seu caminho com uma indiferença tranquila.

É difícil decretar, por exemplo, se é por gosto ou reação de defesa que tão amiúde ela se veste de maneira masculina. Há certamente nisso, em boa parte, uma escolha espontânea. Nada é menos natural do que se vestir como mulher; sem dúvida, a roupa masculina é também artificial, mas é mais cômoda e mais simples, favorece a ação ao invés de a entravar (BEAUVIOR, 1967, p.61).

Beauvoir fala da naturalidade, de se vestir do jeito que lhe é mais cômodo, sem pensar ou refletir todas as nuances que essa escolha revela. Bree não traz essa espontaneidade em suas vestimentas, ela transparece em seu figurino a consciência e o preocupar de demonstrar um interior que ela julga não estar em seu exterior em sua forma mais simples. Suas seleções, então, são pautadas pelo intuito de ser “mais feminina”, de conseguir se posicionar como mulher para uma sociedade que a faz se rever e se montar de um jeito que ela consiga ser capaz de mostrar quem quer ser, mas sem a naturalidade e a indiferença de representar seus atos.

Já em seu primeiro momento podemos perceber os particularidades que fazem com que Bree se apresente como mulher. O primeiro ponto a ser notado é a cor do figurino. Rosa, a cor mais popularmente definida e conhecida por ser reconhecidamente direcionada para meninas. Em diversos momentos a cor é vinculada com feminilidade e delicadeza, apesar de ser um conceito presente no imaginário popular, definido pelo histórico da publicidade e propaganda, e não baseado em nenhum estudo científico. A cor, ainda no século XXI, é muito associada a um tipo de sexo e gênero.

“A dominação ocorre por meio de uma linguagem que, em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferente disparidade, e consequentemente, uma hierarquia que se transforma em realidade social” (BUTLER, 1990, p.171). Butler fala de uma ação social plástica, que caracteriza uma realidade social, na qual pode-se pensar que a personagem do longa Transamérica está buscando apresentar em suas vestimentas, fazendo a caracterização necessária para se encaixar na sua prática. Dentro desse contexto somos apresentados a uma Bree cor de rosa, da cabeça aos pés, coberta por longos metros do tecido, mostrando, de certa forma, como ela entende o conceito de feminilidade que ela quer expor.

Percebe-se, também, nessa primeira idealização, que Bree utilizada roupas bastante fechadas. Saia comprida, meia calça, casaco fechado e chapéu. Nesses detalhes também pode-se compreender que ela ergue uma espécie de armadura, uma roupa capaz de fazer com ela consiga enfrentar a sociedade, que a manterá a salvo de todos os ataques. Esse tipo de postura faz com que para ela, ainda, seja mais fácil esconder as características masculinas presentes em si, mostrando mais como ela realmente se sente em seu interior, e como até então não aceita o seu corpo.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2005, p.21).

Segundo o texto de Stuart Hall leva-se a identidade se dá a partir da forma como o sujeito é entendido e representado. Bree expõe sua identidade em suas roupas, ela se monta e protégé em sua vestimenta, dando a ela característica que a constroem como mulher dentro do entendimento e das expectativas dela sobre o que comprehende se encaixar no padrão de mulher, de uma feminilidade socialmente aceita.

Outros detalhes a serem analisados são os adereços que ela usa. As unhas longas pintadas de rosa, a bolsa, o colar, os brincos e o cabelo comprido. Essas particularidades são normalmente conectadas e atribuídas ao universo

feminino, fazendo com que cada um desses pequenos detalhes a façam ainda mais próxima do seu intento que é completar a sua jornada.

#### 4. CONCLUSÕES

Percebe-se ao longo do filme como a personalidade de Bree, suas inseguranças e suas certezas, são expostas por seus figurinos. Entende-se, também, como a montagem de um visual, como a exteriorização do seu âmago, é dado segundo muitos dos conceitos estabelecidos pelo imaginário popular.

Ao longo da prévia análise fica claro o intento da protagonista de se provar mulher enquanto ainda não se aceita sem as mudanças no seu corpo, e, mais que isso, como Bree se sente em relação a ela mesma e ao seu passado, como lidar com a aceitação de tudo que foi, para então ser o que é. O percurso turbulento pelo qual é desafiada a passar só a faz expressar-se mais mulher, como a figura que socialmente se entende como feminine, aceitando sua identificação de gênero de um modo muito mais complexo, de formas que nem ela imaginava.

O percurso pelo qual ela é imposta a passar faz com que a personagem realmente entenda-se dentro das tantas minúncias que construiu para si mesma, e isso pode ser traçado pela construção do seu visual.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo - II - A experiência vivida**. 2ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Routledge. 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.

REIS, Daniele Fernandes. **Ideias subversivas de gênero em Beauvoir e Butler**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2013.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Judith Butler**: a questão da performatividade. 2012. Acessado em 12 de ago de 2017. Online. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>